

No cinquentenário da publicação do livro **“Teologia da Libertação. Perspetivas”**, do presbítero e teólogo peruano GUSTAVO GUTIÉRREZ, ata fundacional de algo mais do que uma corrente de pensamento, é altura de nos interrogarmos sobre a sua vigência. Nesta era pós-pandémica e de nativos digitais, **em que estado de saúde se encontra esta chamada teologia, nascida de e para os pobres?**



## a *Teologia da libertação* cinquenta anos depois: entre hereges e profetas

Já muita água correu debaixo das pontes, com o coronavírus em cima de nós. Os níveis de pobreza atingiram proporções que já não se viam, de há vinte anos a esta parte. Como escreve, na *Vida Nueva*, o teólogo brasileiro LEONARDO BOFF, **“enquanto existir um pobre no mundo a gritar a injustiça da sua situação, haverá, sempre, um cristão que se erguerá do chão”**. Boff perspectiva-nos a situação: “A centralidade outorgada aos pobres de todo o mundo pela Teologia da libertação, conferiu dignidade e respeitabilidade à Igreja, e ajudou-a a ver a raiz evangélica da sua opção pelos pobres, em favor da justiça social. Ajudou-nos, a todos, a entender que **o oposto da pobreza não é a riqueza, mas sim a injustiça, e que só mediante a justiça social poderá existir uma sociedade de livres e de libertos**”.

Para se entenderem as origens da Teologia da libertação, há que regressar ao período três anos anterior à publicação da obra de Gustavo Gutiérrez. Decorria o ano de 1968, e a cidade colombiana de **Medellín converteu-se no epicentro da II Assembleia Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe**. Eram tempos de convulsões sociais e de crises políticas, de uma América Latina governada por férreas ditaduras de direita.

**Houve padres que puseram de lado a batina e que, de arma ao ombro, partiram, seduzidos pela revolução, como Camilo Torres (Colômbia) e Néstor Paz (Bolívia). Surgiram prelados críticos do sistema: Mauricio Lefebvre, na Bolívia, e Óscar A. Romero, em El Salvador, ambos, posteriormente, assassinados barbaramente.**

É neste contexto que **cento e cinquenta bispos e cento e trinta presbíteros, religiosos e leigos se propuseram, em Medellín, dar corpo ao Concílio Vaticano II**, após declararem que “a Igreja Latino-americana tem uma mensagem para todos os homens que neste continente têm fome e sede de justiça”.

Com esta premissa, a Teologia da libertação estará viva ou morta? **Andrés Gallego**, professor de

teologia da Pontifícia Universidade Católica do Peru, e o braço direito de Gustavo Gutiérrez, acha “curioso que se coloque esta questão, quando, sem dúvida, a Teologia da libertação tem, atualmente, uma presença na vida da Igreja como, possivelmente, nunca teve antes”. E mais, sublinha que “com o decorrer dos anos, ela foi-se aprofundando e ampliando. **A sua influência e presença nas novas teologias é bem evidente. Falamos da teologia indiana, feminista, latina nos Estados Unidos, negra na África e na Ásia**”.

### **Um estilo de vida**

O discípulo de Gutiérrez detém-se, ainda, noutro aspeto do pensamento do seu mentor: “O seu método teológico, donde derivam os seus três contributos básicos: **a opção preferencial pelos pobres, o compromisso como prática cristã, e a unidade da história como o lugar onde Deus se revela, e onde se realiza a salvação**”. Deste modo, chama a atenção para o facto do presbítero dominicano do Peru - que já fez noventa e três anos -

“entender a teologia como um ato, segundo o qual, é suposto que, fazer teologia, é dar um nome à nossa experiência de Deus; antes de mais nada, há que experienciar Deus”.

O que se resumiria, recorrendo a **palavras do próprio Gutiérrez, numa frase: ‘O meu método é a minha espiritualidade’**. “O método, neste caso – esclarece Gallego – é um estilo de vida, uma prática cristã que se vive na libertação dos pobres. Por isso é que, a pergunta a fazer a quem se define como teólogo, não deve ser ‘como é a tua teologia’, mas antes, **‘como é a tua prática’**”.

**Manoel Godoy**, da equipa de Ameríndia, assegura que “a Teologia da libertação nunca reclamou a sua permanência eterna no cenário da Igreja, visto que, para ela, o importante é o primeiro ato, isto é, a realidade, que é dinâmica e que, constantemente, se altera”. Daí que, **“enquanto houver uma reflexão crítica da realidade tendo como pano de fundo a Palavra de Deus, a tradição e o magistério da Igreja, haverá Teologia da libertação.**

O presbítero brasileiro convida os que afirmam que a Teologia da libertação está morta, a fazerem, a si mesmos, a seguinte pergunta: “Deixou de haver vítimas, deixou de haver crucificados na história?”. De facto, ele acha que este ramo da teologia evoluiu, devido ao contributo dos que **“compreenderam que o planeta geme, juntamente com as vítimas e crucificados, dando, assim, um novo alento à ecoteologia da libertação”**. Como disse o papa Francisco na *Laudato si’*, tudo está interligado”, e adverte que “quando, na própria realidade, não se reconhece a importância de uma pessoa pobre, de um embrião humano, de uma pessoa deficiente, para dar alguns exemplos, é difícil que se saiba escutar os gritos da própria natureza”, sublinha Godoy, a propósito deste nosso desenvolvimento da teologia da libertação.

### **As vozes femininas**

As mulheres da Ameríndia também partilham este mesmo futuro. A teóloga mexicana SOCORRO MARTÍNEZ **explica que, vinda dos povos crentes da Amazónia**, “surge uma praxis libertadora em

fidelidade a Jesus de Nazaré, e que a teologia reflete, com **base numa atenta escuta, os clamores dos pequenos da terra que, apesar de ignorados, se erguem como um povo digno, com ações coletivas para o bem comum**”.

É por isso que esta religiosa do Sagrado Coração defende que “a Teologia da libertação continua vigente, com um método que faz a sua reflexão teológica a partir da realidade”, a partir de **“violências como o extrativismo, a destruição de culturas, o envenenamento dos rios e a tragédia milhares de vidas arrasadas pela Covid-19”**.

Por seu lado, a pensadora argentina MARÍA JOSÉ CARAM, refere que, desde os anos setenta do século passado até aos nossos dias, “o contexto alterou-se, mas – como dizia Pedro Casaldáliga – aí estão os pobres, e neles está Deus, motivo mais do que suficiente para que a Teologia da libertação continue viva”. Neste sentido, diz-nos ela, **“o amor brota do encontro com Deus nos pobres e no discipulado missionário, como filhos**

**e filhas da nossa Mãe Terra, todos irmãos e irmãs, e da reflexão sobre esta experiência de fé”.**

Daí que “Francisco com seus gestos e palavras, nos continue a confirmar neste caminho”, através dos documentos-guia do seu pontificado: *Evangelii gaudium, Laudato si’ e Fratelli tutti*. **“Todos ostentam a marca da Igreja latino-americana”, garante a teóloga, ao mesmo tempo que defende: “A Teologia da libertação não é uma teologia, mas um testemunho da fé de comunidades cristãs, que caminham à luz do Evangelho”.**

### **Comunistas infiltrados**

**Ideologia, política, vestígios de marxismo...** Duas imagens opostas, com **ERNESTO CARDENAL como protagonista:** a reprimenda de João Paulo II, na pista do aeroporto de Manágua, e a imagem da reabilitação, junto á cama dum hospital, quase quarenta anos depois. **Até que ponto é herética ou profética a Teologia da libertação?**



O papa João Paulo II repreendia de dedo em riste, o presbítero ERNESTO CARDENAL que era ministro da Cultura no Governo sandinista da Nicarágua. © DR

**PEDRO TRIGO**, jesuíta venezuelano, prefere encará-la **“na perspectiva do Concílio Vaticano II, já que se trata da teologia que está na base de Medellín, onde foi oficialmente aceita, tendo permanecido fiel e criativa nesta nossa América”.** Por conseguinte “pode soar aos que se identificaram com a cristandade pós-tridentina, não digo a heresia, mas a novidade inassimilável”.

“Para estes, também, o Concílio continua a ser algo

inassimilável”, sublinha. Argumenta, inclusivamente, que põe em prática o que nos é pedido pelo Vaticano II: “O regresso a Jesus de Nazaré, através da leitura orante dos evangelhos”. Nessa perspectiva está convencido de que se trata duma profecia: **“Diz à Igreja e ao mundo o que Deus quer. E quem o diz duma forma mais clara é o papa Francisco”.**

**Quanto à postura de Wojtyła, acha que “lhe impingiram, maliciosamente, a ideia de que os teólogos da libertação eram comunistas infiltrados na Igreja”.** Face ao usufruto que os governos de esquerda, na América Latina, fizeram desta corrente teológica, para imporem os seus projetos políticos, Boff é taxativo: “A novidade está na capacidade de superar o assistencialismo e o paternalismo, que não deixam de ser expressões de compaixão e de caridade cristã, mas que continuam a alimentar situações de pobreza”.

**ÁNGEL ALBERTO MORILLO**

<https://www.vidanuevadigital.com/editorial/teologia-de-la-liberacion-magisterio-liberador/>

# *Teologia da libertação:* magistério libertador



**Celebra-se o cinquentenário** da publicação do livro *Teologia da libertação. Perspetivas*, escrito por **GUSTAVO GUTIÉRREZ**, uma obra assumida como o ponto de partida oficial de algo mais do que uma corrente eclesial, que começou a ser forjada na II Conferência do Episcopado Latino-americano (Medellín, 1968), e que o presbítero peruano soube plasmar num texto que constitui, hoje, referência para se compreender esse amplo e complexo *corpus*, puramente latino-americano, que **vincula o estudo sobre Deus à realidade sofredora.**

Ao longo deste meio século, multiplicaram-se os preconceitos e as opiniões sobre este pensamento e esta praxis pastoral, dentro e fora da própria Igreja. Partindo de perspetivas simplistas, **há quem tenha tentado demonizá-la ou canonizá-la, rejeitando qualquer matiz intermédio.**

O certo é que, entretanto, no meio de todos estes ditames, as propostas à sua volta continuaram a surgir, fazendo com que, hoje em dia, seja errado atribuir-lhe uma única etiqueta, sobretudo se tivermos em conta o critério de que qualquer teologia acaba por morrer, se não for evoluindo, atenta aos sinais dos tempos. Nalguns casos ela evoluiu, **através de percursos**

**extremos, para uma ideologização sem saída.**

### **Vocação missionária**

Entre muitas outras coisas, **surgiram autênticos caudais de frescura reflexiva que invadiram os estudos cristológicos, dando origem a uma Igreja de rua**, com comunidades comprometidas com os mais desfavorecidos, dando voz aos que não têm voz, atentas aos sinais dos tempos, e capazes de construir o Reino, abrindo caminho entre os conflitos, a opressão e a corrupção.

**Olhemos para as centenas de mártires injustiçados por se assumirem como profetas dos pobres**, demarcando-se de qualquer discurso partidista, e com o Evangelho e a Doutrina Social da Igreja como únicos suportes da sua vocação. Entre estas correntes que colocaram a pessoa como objetivo central das suas atenções, e que abandonaram as experiências de laboratório, temos a **Teologia do povo. Desenvolvida, na Argentina, na linha dum espírito**

**conciliar, dela bebeu Jorge Mario Bergoglio.** Já como Francisco, teve oportunidade de enriquecer os seus pontos de vista, com um magistério que nos patenteia conceitos como povo fiel de Deus, inculturação, imagens do poliedro e da pirâmide invertida, fraternidade e amizade social, cultura do encontro, revolução da ternura, binómios todo-parte, realidade-ideia, unidade-conflito, tempo-espaço...

### **A opção pelos pobres**

Toda uma espiritualidade assente na encarnação da Palavra, e que conflui numa máxima contida em *Evangelii gaudium*: “Para a Igreja, a opção pelos pobres é uma categoria teológica, mais do que cultural, sociológica, política ou filosófica”. Em conclusão, uma teologia católica enquanto **profundamente universal e, sobretudo, verdadeiramente libertadora, como o ser e fazer do Mestre Jesus.**

<https://www.vidanuevadigital.com/2021/10/01/la-teologia-de-la-liberacion-50-anos-despues-entre-hereses-y-profetas/><https://www.vidanuevadigital.com/editorial/teologia-de-la-liberacion-magisterio-liberador/>

# Um ano sem Pedro Casaldáliga, o bispo que arriscou a sua vida em defesa dos pobres.

**F**ez no dia oito de agosto um ano que morreu, aos noventa e dois anos de idade, o bispo claretiano espanhol **PEDRO CASALDÁLIGA**, após sofrer uma pneumonia com derrame pulmonar, que o fez abandonar o seu posto, em São Félix de Araguaia. Tendo dado entrada na Unidade de Cuidados Intensivos da Santa Casa, Batatais, (São Paulo), acabaria por falecer, às nove horas e quarenta. Tinha chegado à Amazónia em 1968, e **a ele fica a dever a Igreja brasileira – e a universal – a criação da Comissão Pastoral da Terra, o Conselho Missionário Indígena**, que são, hoje, dois referentes, tanto dentro como fora do âmbito eclesial.

O prelado arriscou a sua vida na defesa dos povos indígenas **e, sobretudo, enquanto voz denunciadora da corrupção de empresários e políticos**. Tanto assim é, que esteve ameaçado de morte em diversos momentos da sua vida, como sucedeu ao dar a cara pelos indígenas Xavante de Marãiwatsédé, quando lhes arrebataram as suas terras.

## **Junto ao rio Araguaia**

O seu corpo descansa no cemitério dos índios Karajá – para onde foram lançados os corpos dos índios que resistiram à invasão das suas próprias terras – na margem do rio Araguaia, onde foi enterrado a onze de agosto de 2020, junto de um operário e de uma prostituta, após honrosos funerais e homenagens no Brasil. Tinha manifestado o desejo de **voltar à terra onde passara como bispo as últimas décadas na Amazónia brasileira**, no estado do Mato Grosso.

**“Querida justiça, queria abundância, queria**

**alegria, vida plena para todos e para todas**. Não lhe importava a raça, não lhe importava o sexo, não lhe importava a cultura, não lhe importava a religião”, sublinhou na homilia Adriano Ciocca, o atual bispo de São Félix de Araguaia.

## **Coração de poeta e de místico**

As mensagens de solidariedade há um ano que se multiplicam. O arcebispo de Barcelona e presidente da Conferência Episcopal Espanhola, Juan José Omella, definiu o falecido bispo emérito de São Félix de Araguaia **como um missionário com “coração de poeta e de místico”**.

Casaldáliga **“é para os catalães, e para todos os bispos da Igreja, um homem que quis viver com os pobres e que se lhes entregou”**. Nascido em Balsareny (Barcelona) a dezasseis de fevereiro de 1928, foi seminarista em Vic (Barcelona), e antes de partir para o estrangeiro, exerceu como presbítero e docente na Galiza e em Barcelona, onde criou uma bolsa de trabalho para imigrantes, um albergue e uma escola para pessoas sem estudos. O missionário claretiano recebeu **a Creu de Sant Jordi da Generalitat, e foi candidato ao Prémio Nobel da Paz, em 1990**, por ser “a voz dos que não têm voz”, como o definiu o impulsionador desta candidatura, o Nobel da Paz argentino Adolfo Pérez Esquivel.

Para o cardeal Aquilino Bocos Merino, ele **“será recordado sob vários aspetos: como bispo defensor dos pobres e das suas terras, como fundador e animador de comunidades cristãs de base**, como bispo no meio do seu povo, como apóstolo do radicalismo evangélico, como escritor de espiritualidade e pastoral, como profeta de

esperança e compromisso social, como poeta que soube cantar os pobres, o Verbo incarnado, Maria mulher simples e do povo, discípula e missionária.

O jesuíta José Ignacio González Faus, destaca o facto de “a partir dum lugar ignoto e miserável, Casaldáliga **se ter convertido num dos bispos mais famosos do mundo, e também num dos poetas mais sérios do século XX espanhol**”. “Foi, evidentemente, um bispo muito incómodo: para a cúria romana (escreveu a Mons. Romero: **“as cúrias não podiam compreender-te / nenhuma sinagoga bem montada / pode compreender Cristo**”). Mas muito incómodo, sobretudo, para os fazendeiros e terra-tenentes brasileiros que, como é seu hábito, tentaram acabar-lhe com a vida”, sublinhava Faus, há um ano, na web.

### Um legado indelével

Também o Governo Espanhol elogiava o “ingente labor religioso, humanitário e social de Pedro Casaldáliga. Um comunicado do Ministério dos Assuntos Exteriores, União Europeia e Cooperação destacava o seu “legado tangível, que se traduz, entre muitas outras coisas, na criação de escolas e centros de assistência médica. Casaldáliga foi um **“ativista” em favor dos indígenas, e um “firme defensor” da teologia da libertação**. “Acreditou na justiça e na esperança e na opção pelos pobres, no acesso à terra, **na defesa dos mais fracos e das comunidades indígenas**, bem como na proteção da Amazônia e do meio ambiente”, referem no comunicado. Para o Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM), Pedro Casaldáliga: “Foi e continuará a ser um ícone na defesa dos pobres, especialmente dos indígenas”, um bispo poeta que “emprestou a sua voz à América Latina e ao Caribe”. **“Ao longo da sua vida, este nosso irmão testemunhou, numa maneira muito especial, a proximidade amorosa de Deus com os mais pobres**”, sublinham. “Agora, é

a vez desta terra tão amada por ele, tomar a palavra **numa oração de agradecimento a Deus pelo seu testemunho**”, concluem os bispos do CELAM.



Parte do seu legado é retomado pelo papa Francisco no Sínodo da Amazônia. Passados todos estes anos, **as reivindicações locais do bispo Casaldáliga sensibilizaram e encontraram eco em toda a Igreja**, graças ao facto de Bergoglio – “o papa Francisco é um dom de Deus para a Igreja”, tinha dito o bispo emérito – ter ouvido as vozes que, como a do claretiniano, lhe chegavam vindas da Amazônia. Um poema de Casaldáliga – *“Carta de navegar, ‘Por el Tocantins amazónico’* – evoca o número 104 de ‘Querida Amazônia’, ao falar da forma como “a inculturação eleva e plenifica”. Para Francisco **“há que valorizar esta mística indígena da interconexão e interdependência de toda a criação**, mística de gratuidade que ama a vida como dom, mística de admiração sagrada perante a natureza que nos espanta com tanta vida. Trata-se, também, contudo, de conseguir que esta relação com Deus presente no cosmos, se converta, cada vez mais, na relação pessoal com um Tu que sustenta a própria realidade e lhe quer dar um sentido, um Tu que nos conhece e nos ama.

<https://www.vidanuevadigital.com/2021/08/08/un-ano-sin-pedro-casaldaliga-el-obispo-que-se-la-jugo-por-los-pobres/>

MATEO GONZÁLEZ ALONSO